

# INTRODUÇÃO

## **O que objetivamos com esta obra?**

O trabalho que o amigo leitor tem em mãos é produto de uma série de eventos e circunstâncias que nos envolveram ao longo de, pelo menos, vinte anos.

No final da década de 1980, formamos um grupo de quinze amigos, na cidade de Presidente Prudente, estado de São Paulo, para desenvolver atividades sociais. Tocados pelo quadro de dificuldades que algumas famílias vizinhas viviam, procurávamos estender até elas o pouco que tínhamos.

Com isso, nasceu uma ONG que organizava tais atividades. Visitávamos seus lares e as cadastrávamos, para posterior assistência.

Por vários anos, confrontamos com a miséria nas suas várias faces, sempre no esforço de realizar algo que pudesse favorecer aqueles seres: cestas básicas, roupas, medicamentos etc.

Naquilo que não podíamos dispor, saíamos à procura de colaboradores, que nunca faltaram.

E assim fizemos por vários anos até sentirmos a necessidade de aprimorar nossos esforços; pois observávamos que poderíamos fazer mais, implantando algumas atividades de conversas em grupos; pois nas visitas às famílias notávamos que as dificuldades que as assaltavam se repetiam de lar em lar, como também entre aqueles que levavam a assistência.

A origem dos “problemas” que surgiam estava relacionada à convivência, que se apresentava como um grande desafio, pois ocasionava dificuldades sociais de todas as ordens, comuns a todos os indivíduos. Ou seja, assistidos e voluntários sofriam as consequências do fato de não saberem conviver.

Desta forma, implantamos esse serviço que se dispunha a reunir esses seres, e, através de rodas de diálogo, compartilhar histórias, fazer estudos, conhecer mais uns aos outros. Este trabalho perdurou por vários anos, (o que ampliou a ONG e aumentou nossos comprometimentos).

No ano de 2007, após uma série de reavaliações das atividades que desempenhávamos nesse grupo, consideramos a possibilidade de aprimorá-las, pois as ações de diálogos, os estudos e outras atividades, nos preenchiam em cer-

tos aspectos, mas não acrescentavam grandes alterações em nosso modo de vida.

Permaneciam presentes os mesmos sentimentos da primeira hora, ou seja, o sofrimento havia sido amainado, mas não erradicado em suas causas, e, vez ou outra, surgia, mesmo que sob outras formas.

Observávamos que, a despeito de toda a grandeza moral daquilo que realizávamos, ainda estavam presentes os velhos obstáculos a uma “boa” convivência, tais como a intolância, a incompreensão, a indisposição, a indisciplina, as animosidades em geral, as disputas de posições ou cargos, os partidarismos, a falsa modéstia.

Assim, passamos a considerar que estivéssemos atuando somente no propósito de atender uma classe social, mas não víamos o indivíduo inserido nela. Percebemos que estávamos longe dos mistérios que se encontram no interior dos seres, sendo que o tempo nos veio ensinar que isso era a mais pura verdade.

A começar por nós mesmos, pudemos concluir que o ser humano vive na periferia de um universo chamado inconsciente.

Baseados nessa nova necessidade que surgia, - a de aprofundamento em nós mesmos -, propusemos uma atividade em especial, dedicada a membros do grupo e a assistidos, pela qual iríamos nos aprofundar em questões mais íntimas, procurando identificar as causas daquilo que se manifestava como pensamentos, sentimentos, emoções e atitudes, no

campo exterior. Queríamos conhecer-nos, como jamais havíamos tentado.

Para esse empreendimento, contamos com o respaldo de um educador do grupo, reconhecido como hábil (o suficiente) para este cometimento. Portador de amplos conhecimentos sobre processos psíquicos e outros, graças à disposição dele e do grupo que se formou, pudemos, ao longo dos anos, perceber que havíamos descoberto uma poderosa ferramenta para realizar o autoconhecimento: - a “*Inteligência Mediúnica*”.

\*\*\*

*Um dia, em uma ensolarada savana africana, uma espécie animal, que vivia até então empoleirada em pequenas árvores, guiada por um impulso desconhecido, desce até o solo e caminha por alguns metros. Hesita por um instante, porém, continua a dar os passos, sem saber que aquele ato produziria um dos maiores fenômenos já vistos neste planeta: - a espécie humana.*

Esta é uma maneira de figurar, pela imaginação, aquilo que seria o início da história humana na Terra. As evidências arqueológicas, reunidas até hoje, dão conta de que o ser humano é descendente de espécies primatas, mantendo um ancestral comum ao que se chama, na atualidade, de macacos ou chimpanzés e similares. No entanto, não podemos resumir, simplesmente neste fato, todas as circunstâncias que viariam a formar a espécie humana. Nem sabemos se realmente fazia sol.

O que queremos dizer, para iniciar nossas argumentações sobre a “*Inteligência Mediúnica*”, é que este trabalho falará (exclusivamente) de processos, ou se se preferir, de fenômenos relacionados ao ser humano, como uma FORMA de vida deste planeta. Forma esta que adquiriu características específicas, assim como outras formas possuem as suas, e entre estes caracteres humanos (próprios) estão, sobretudo: a inteligência, a consciência, o pensamento consciente, os sentimentos e as emoções.

Estaria, hoje, a espécie humana no limiar de seu desenvolvimento? A geração atual teria chegado ao ápice daquilo que o homem pode ser?

Segundo nossas observações, que o amigo poderá acompanhar na sequência de argumentos, - não.

Reconhecemos que o homem é um ser complexo. E aquilo que forma a sua estrutura mais essencial, - a inteligência e a consciência -, onde nascem o pensamento consciente, os sentimentos e as emoções, constitui-se como grande mistério para todos os que querem alcançar esta verdade.

A despeito de todo o desenvolvimento do potencial humano, ele (o homem) ainda não sabe sobre si mesmo, sobre as forças que se movem fora e, (principalmente), dentro de si.

Estes ingredientes reunidos (inteligência, consciência etc.), ao longo de ciclos e ciclos evolutivos, fizeram desta forma de vida um observador tenaz, com poder de captar dados do mundo exterior e formular conhecimento.

A princípio, esta formulação tinha como propósito fundamental encontrar maneiras mais dinâmicas de sobreviver, (que é o que todas as formas de vida fazem). No entanto, o que caracteriza a força desta espécie - dominante neste planeta - é justamente o poder de conhecer.

E foi em busca de conhecer o ambiente e seus perigos - certos locais para se proteger e se reproduzir, onde estavam as reservas de recursos - que o homem desenvolveu a consciência.

Ter consciência do ambiente, saber determinar ou reconhecer certos processos, levou-o a descobrir que ele mesmo existia. Surge a consciência de si, ou autoconsciência, o que o faz inevitavelmente questionar: que sou?

Esta questão tem intrigado a humanidade há vários séculos. Desde o “Templo de Delphos”, no - “Homem, conhece-te a ti mesmo”, passando por Sócrates e influenciando a filosofia até os dias de hoje.

A partir daí, outra fase estava para se iniciar: a busca do conhecimento de si mesmo.

A incessante busca do homem em conhecer mais profundamente sua natureza o conduziu a grandiosas conquistas exteriores, que aperfeiçoaram os métodos de sobrevivência e lhe garantiram determinado conforto, promovendo formas de existir mais aprimoradas.

Entretanto, quando paramos para refletir nas inúmeras buscas que o homem fez e faz, é possível perceber que ele obtém muitas respostas, mas estas, contudo, não expli-

cam a vida que ele é. Embora conheça muito, não sabe de si mesmo.

Desta forma, ele vaga a esmo perambulando por este mundo hostil, cheio de agruras e dificuldades, mundo que reserva a bem poucos raros momentos de prazer. Falando aqui em maioria.

Muitos dizem ter as respostas sobre os verdadeiros significados da vida e da existência humana. Muitas são as opiniões, a verdade nua (como só ela) - não sabemos.

E quando dizemos que não sabemos, referimo-nos ao consenso do saber humano, e não de crenças pessoais, que são de exclusivo foro íntimo.

O fato é que o desconhecimento de si mesmo traz sérias consequências na maneira de viver dos seres humanos, hoje.

Segundo nossas observações, vários processos psicológicos, que afetam o homem moderno, nascem da ausência de perspectiva para si mesmo. Dedicado a sobreviver, e com grandes ganhos tecnológicos no âmbito da comunicação, vive em constantes dificuldades de convivência, gerando vários problemas sociais que, em nossa opinião, têm suas causas assentadas na ausência de autoconhecimento.

Diariamente os seres se levantam e desenvolvem suas atividades sociais, profissionais, familiares, permanecendo, estas, constantemente entremeadas por vários estados sentimentais, impulsos, ações intempestivas, entre outras, ligadas às emoções e aos sentimentos. Como também, podemos ob-

servar certos padrões de comportamento, que se repetem de ser para ser, como se os indivíduos fossem controlados por um programa invisível que os dirige. Estes são alguns dos assuntos deste livro.

Todos os seres possuem sentimentos. Estes se manifestam em determinadas condições, nas quais, aquele que os sente, normalmente não pode controlá-los. Podem-se conter certas manifestações ou impulsos decorrentes deles, mas não impedi-los de surgirem.

Estes estados sentimentais influenciam atos, comportamentos e condições internas, em geral: (felicidade, sofrimento moral, vergonha etc.).

Quando falamos sobre desenvolver autoconhecimento, certamente estamos a falar destes processos, pois eles se caracterizam como uma das fronteiras entre aquilo que se sabe, ou não, sobre o ser humano. Considerando que em matéria de sentimentos, o indivíduo é constrangido a senti-los, somente o autoconhecimento poderá propiciar-lhe autonomia sentimental e emocional.

Somente muito recentemente, (há pouco mais de um século), a inteligência humana começou a cogitar sobre estas estruturas, naquilo que veio caracterizar o surgimento das chamadas “*ciências psíquicas*”. Sendo que este campo, - a intimidade do ser humano -, começou a ser considerado e analisado, sob olhares atentos, na busca de evidências que demonstrassem a sua realidade.

E é neste rumo que caminharemos neste nosso trabalho.



Queremos convidar o leitor amigo a atravessar diversos argumentos até chegarmos àquilo que, para nós do “Projeto Tempo de Ser”, se tem caracterizado como um grande processo a ser estudado e que muito contribuirá para continuarmos na busca da resposta para o ser que somos.

A “*Inteligência Mediúnica*”, como você poderá ver, é o resultado do desenvolvimento de áreas psíquicas complexas, somente observáveis com muita atenção.

Nosso trabalho propõe que, ao longo de vários ciclos evolutivos, o ser humano se desenvolveu - a tal ponto que, para continuar a sua busca de autocompreensão, necessitará de um sentido mais amplo, que estenda suas percepções para além da área consciente, restrita aos órgãos sensoriais.

Os órgãos dos sentidos são a ponte de ligação entre a consciência e o ambiente externo, assim como para com as sensações internas, corporalmente falando.

O sentido humano é a “*faculdade de perceber, modalidade específica de sensações como: o calor, as ondas sonoras, o sabor, que correspondem, grosso modo, a um órgão determinado cuja estimulação dá início ao processo interno de recepção sensorial, são cinco os sentidos: tato, visão, audição, paladar e olfato*” – Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Mas há também sentidos capazes de definir sensações internas, como a “*propriocepção*”, que é “*uma sensibilidade própria nos ossos, músculos, tendões e articulações, que fornece informações sobre a estática, o equilíbrio, o deslo-*

*ramento do corpo no espaço etc.” E a “cinestesia”, “que é uma percepção de movimento, peso, resistência e posição do corpo, provocado por estímulos do próprio organismo” – Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.*

No indivíduo humano, todos os movimentos internos e as captações externas são monitorados por uma cadeia de sensibilidade capaz de reagir ao mínimo estímulo. É através desta sensibilidade, manifesta nos sentidos, que ele pode definir o ambiente em torno de si, como, também, avaliar que tipos de reações estão sendo desencadeadas internamente em seu organismo.

Estes sentidos possuem limites; desta forma, o homem capta somente uma parte da realidade, que é virtualmente montada em sua mente. Para entrar em contato com outras dimensões da realidade, o homem desenvolve instrumentos especiais que ampliam a sua capacidade perceptiva.

Com as informações que os sentidos transportam à consciência, a inteligência pode então deliberar sobre as estratégias a serem seguidas.

Já está claro, para todos, que a inteligência é um processo psíquico que se desenvolve de ser para ser. Embora ela deva ter seus elementos comuns, pois é nascida de leis naturais que regem todos; em cada um, - ela assume caminhos e papéis totalmente individuais.

Desta forma, aquilo que é sensorial pode ser percebido, de maneira comum, pela maioria dos indivíduos. Assim, amarelo é amarelo, para a grande maioria.

Porém, os estados emocionais, os sentimentos, intenções ocultas, (entre outros processos psíquicos e/ou psicológicos) são de exclusividade do indivíduo e, muitas vezes, não são declarados para si mesmos. Movimentam-se invisivelmente, mas não menos ativamente.

Desta maneira, a “*Inteligência Mediúnica*” seria uma “*propriocepção*” dos impulsos inconscientes, trazendo à consciência do ser, as informações necessárias para que ele possa compreender-se, através de uma “*visão de si mesmo*”.

Não será ninguém a lhe dizer ou apontar seus caminhos, será ele mesmo, na intimidade de seus estados psíquicos ou psicológicos, a identificar-se e, a partir daí, decidir-se quanto ao seu futuro.

E por que “*Mediúnica*”?

Embora nosso trabalho tenha um viés espiritualista, não é propriamente espírita (como o amigo verá no capítulo 3). O Espiritismo, doutrina organizada pelo pedagogo e filósofo francês, Allan Kardec (pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, 1804 – 1869), argumenta sobre a mediunidade como um sentido para a percepção de fenômenos invisíveis aos sentidos humanos – chamados por Kardec de fenômenos espirituais.

Para nós, os impulsos do inconsciente - onde residem os sentimentos e outros processos psíquicos e psicológicos (capítulo 4) - também estão além dos movimentos sensoriais e, ao contrário, seriam a origem deles.

Com isto, não houve, de nossa parte, a necessidade de caracterizarmos outra teoria acerca dos potenciais psíquicos, pois um observador já o havia feito. Neste caso, Allan Kardec, com a sua - teoria das manifestações mediúnicas. Desta forma, qualificamos a mediunidade como um processo psíquico e não um culto religioso, como acabou se tornando conhecida.

Por fim, qualificamos que a inteligência do ser e a mediunidade, juntas, poderão conduzi-lo a áreas mais sutis de seu mundo pensante e sentimental, proporcionando-lhe o tão almejado autoconhecimento que, certamente, o colocará mais próximo das causas invisíveis, que ganham manifestação em seus padrões de comportamento, emoções e atitudes.

Será realmente possível essa realização?

Caro leitor, contamos com o seu olhar observador! Não se deixe impelir por uma pré-conceituação, permita-se acompanhar nossa linha de pensamento, apresentada em sua continuidade. Venha, conosco, percorrer os caminhos que nos conduzirão aos *“novos horizontes da sensibilidade”*.

Gratos.

Paz e Luz!

Lucas da Costa.

Marlete Wildemberg.

Representantes da Comissão Gestora do  
Projeto Tempo de Ser.